

RELAÇÕES ENTRE CORPOS E MICROTERRITORIALIDADES: PARA ALÉM DAS RESTRIÇÕES DA IDENTIDADE E DA CULTURA E A DEFESA DA PRODUÇÃO DE MÚLTIPLAS SINGULARIDADES

Relationship between bodies and microterritorialities: beyond identity and culture restrictions and the defense of the production of multiples singularities

Benhur Pinós da Costa¹

RESUMO

Apresentamos o conceito de microterritorialidade a partir da pesquisa estabelecida nos espaços de encontros de homens orientados sexualmente para o mesmo sexo nas localidades entre os postos 8 e 9 da praia de Ipanema e do parque Garota de Ipanema, ambos lugares da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, entre Copacabana e Ipanema. Aprofundamos o entendimento deste conceito vinculando-o a ideia de produções de singularidades, ao contrário da noção de identidade, na proposta de Deleuze e Guattari. As microterritorialidades urbanas se referem a possibilidades espaciais de encontros de pessoas diferentes que se afetam e se transformam em devires múltiplos. Isso implica desconsiderar as microterritorialidades como frutos das conformações coletivas e estruturantes da cultura e da identidade. A discussão teórica é elucidada pela pesquisa de observação no campo estudado e produção de narrativas evocativas que induzem as transformações dos conhecimentos e perspectivas do autor a partir das afetações que obteve nos contatos com outras pessoas nas microterritorialidades em questão.

Palavras-chave: Microterritorialidades. Praia de Ipanema. Singularidades. Identidade. Homens gays.

ABSTRACT

We present the concept of microterritoriality based on the research established in the same sex oriented men meeting spaces in the locations between the posts 8 and 9 of Ipanema Beach and The Girl from Ipanema Park, both places in the south of the city of the Rio de Janeiro, between Copacabana e Ipanema. We deepened the understanding of this concept linking it to the idea of singularity productions, as opposed to the notion of identity, in the proposal of Deleuze and Guattari. Urban microterritorialities refer to spatial possibilities of meeting different people that affect each other and become multiple becomings. This implies disregarding microterritorialities as fruits of the collective and structuring conformations of culture and identity. The theoretical discussion is elucidated by the observation research in the suited field and the production of evocatives narratives that induce the transformations of the author's knowledges and perspectives based on the affects obtained in contacts with others people in the microterritorialities in question.

Keywords: Microterritorialities. Ipanema beach. Singularities. Identity. Gay men.

¹ Professor do Departamento de Geociências e Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). benpinos@gmail.com.
✉ Av. Roraima, 1000, Cidade Universitária, Prédio 17, Sala 1012, Camobi, Santa Maria, RS. 97105-90.

INTRODUÇÃO

Este texto visa debater um problema relacionado à pesquisa de pós-doutoramento realizado no Programa de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, em 2018. O objetivo da pesquisa era desenvolver uma análise mais aprofundada sobre o conceito de microterritorialidades, tendo como base um conjunto de observações das sociabilidades homoeróticas (de homens gays) na praia de Ipanema, entre posto 8 e posto 9, Pedra do Arpoador e Parque Garota de Ipanema, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. As perguntas que surtiam interesses de discussões nesta pesquisa foram: como uma pessoa sente-se e sente uma microterritorialidade? Como elas mobilizam interesses pessoais de relações específicas em microterritorialidade? Como se dá a relação com o “outro”? A microterritorialidade realmente é uma condição de identidade das pessoas que estão reunidas? Como são as relações de igualdade e diferença? Estas indagações me fizeram discutir a construção de “singularidades” e suas capacidades expressivas em microterritorialidade, baseando meus estudos, principalmente, na leitura de Deleuze e Guattari (2011a; 2011b; 2012a; 2012b) e Guattari e Rolnik (2007) e na fenomenologia de Merleau-Ponty. Este artigo, em específico, representa um terceiro momento de reflexão de um conjunto de cinco escritos produzidos durante este ano de pós-doutoramento. Representa, também, a continuidade de discussão de outros dois textos já publicados, Costa (2020a; 2020b). O que irei tratar aqui é a constituição de singularidades, na perspectiva deleuziana, em situações de experiências em microterritorialidades (no caso, naquelas da praia e parque em Ipanema, Rio de Janeiro-RJ). Neste sentido, em relação às perguntas genéricas postas aqui, em relação ao que mobilizou as leituras e observações empíricas da pesquisa de

pós-doutoramento, desenvolvo as respostas sobre a indagação: para um homem gay que está em uma microterritorialidade frequentada por outros homens gays, como se dão os processos de identificação e de diferenciação (?) no sentido sobre como ele vem participar e contribuir à sociabilidade (?), mas, também, como poderá estranhar os acontecimentos observados em suas experiências? Podemos sintetizar estas perguntas em uma só e ela irá desenvolver toda a discussão deste artigo: quem sou eu nas circunstâncias de microterritorialidade do Parque Garota de Ipanema na região entre Ipanema e Copacabana na cidade do Rio de Janeiro-RJ?

O parque Garota de Ipanema localiza-se próxima a Pedra do Arpoador e esta região separa as duas praias famosas da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. É um espaço público de grande trânsito de pessoas entre tais praias, mas também, por entre seus esconderijos, entre seus espaços de matas fechadas, se estabelecem possibilidades de encontros de homens para práticas sexuais homoeróticas. O formato de esconderijo de seus espaços vegetados permite que tais práticas sejam discretas, mas, ao mesmo tempo, de fácil acesso a multidão que transita pelos caminhos do parque. É um lugar estratégico para se tenha uma fácil experiência (homo) sexual, pela diversidade de pessoas que possam se inserir em seus espaços para tal, mas também pela discrição que suas formas possibilitam. Por outro lado, tal espaço é identificado como de frequência homossexual pela comunidade gay local (assim daqueles de outros lugares que estão “turistando” na cidade). Além disso, além de ser um espaço tipicamente gay (como efetivamente o é a região de praia entre os postos 8 e 9 da praia de Ipanema), também é reconhecido como um espaço em que a sociabilidade se estabelece simplesmente pelas práticas sexuais homossexuais e não por outras formas de sociabilidades

amigáveis, em que não necessariamente somente homens gays estão presente para estas práticas mas outros homens não-gays que procuram justamente esta descrição para estabelecimentos de seus desejos homoeróticos.

Meu propósito é problematizar o vínculo da ideia de microterritorialidade com as categorias de identidade e cultura, ou seja, adentrar, teoricamente, a complexidade e a multiplicidade de sensações vivenciadas (pela pessoa em si, em sua individualidade e no que a separa dos outros que estão convivendo) quando se está em uma parte do espaço em que a própria pessoa está porque compartilha, de certa forma, um conjunto de sentidos, atributos, perspectivas e sentimentos atribuídos a uma identidade socialmente construída. No meu caso de debate, a identidade socialmente construída é a homossexual, o que condiciona homens gays a um conjunto de significações sociais sobre suas práticas e desejos sexuais para com o mesmo sexo. Não iremos nos deter aqui em explicar este conjunto de significações/identificações socialmente construídas, mas somente dizer que isso gera a formação de uma categoria que se destina a identificação sobre determinadas pessoas (nas relações sociais diretas, baseadas nas interpelações sobre as diferenças), ou seja, que constitui um grupo socialmente identificado pelos desejos e suas relações com a sexualidade e isso está baseado em um aspecto divergente sobre os espectros de normalidade instituídos também socialmente, que os diferem das pessoas heterossexuais.

Assim, embora homens gays autoproduzam a identificação sobre seus desejos sexuais baseados em parâmetros socialmente construídos sobre a homossexualidade, o que se sente e como se apresentam em momentos e espaços de convivências diversos de experiências afetivo-sexuais poderá ser múltiplo e complexo. Mas

este fenômeno gera uma contradição. Por um lado a identidade socialmente construída institui um “ser” como um homem gay e, pelo aspecto de diferença sobre uma identidade social não normativa e desviante, isso o faz procurar espaços específicos nos quais homens gays se sociabilizam e podem, efetivamente, experimentar relações afetivo-sexuais com outros homens gays (ou, pelo menos, que procuram práticas homossexuais). Isso seria a condição *sine qua non* de microterritorialidade, porque atrela a uma parte do espaço a reunião e/ou encontro de um conjunto de pessoas que se apropriam desta parte porque se identificam com uma suposta identidade produzida socialmente (a homossexual e de ser um homem gay, no caso deste texto). Por outro lado, a pessoa em si (na sua subjetividade de interpretações sobre os acontecimentos que experimenta e de como interpreta a si mesmo em relação a tais acontecimentos) experimenta diferentes sensações ao estar compartilhando seus desejos e práticas afetivo-sexuais com outros neste espaço e tempo específico de uma microterritorialidade onde se encontram homens gays e/ou que estabelecem práticas homossexuais. É por este segundo viés que queremos entender as microterritorialidades: por estes sentimentos fugazes quanto às estabilizações (às vezes contrários a elas) de identificações atreladas aos espaços de encontros de homens gays e práticas sexuais homossexuais. Para isso, o texto explora minhas auto narrativas (como se fossem impressões que estabeleci na experiência exata de acontecimentos em microterritorialidade), como pesquisador, mas, também, como homem gay, nas sensações pessoais que senti vinculadas aos meus desejos afetivo-sexuais homossexuais, em experiências específicas (espaço e tempos exatos) nas microterritorialidades da região da praia de Ipanema e parque Garota de Ipanema. As (auto) narrativas servirão como exemplos que podem articular empiricamente a discussão teórica. Saliento que

estas narrativas também poderão ser balizamentos empíricos encontrados nas discussões teóricas dos textos já publicados, como em Costa (2020a; 2020b).

Para Guattari e Rolnik (2007, p. 80),

Identidade e singularidade são completamente diferentes. A singularidade é um conceito existencial; já a identidade é um conceito de referência, de circulação da realidade a quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários. [...] Em outras palavras, a identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só mesmo quadro de referência identificável.

O sentido de discussão que tomei foi à defesa que as pesquisas sobre as microterritorialidades poderiam ter dois pensamentos e processos fundamentais:

- a) um sentido que aborda a relação da cultura e da identidade (HALL, 2016), ou seja, sobre a condição microterritorial como uma estrutura fundada na produção de cultura, cujos corpos são uma unidade semiótica, assim como a afirmação coletiva e pelos processos de reconhecimento social (HONNETH, 2003) de uma identidade (estar em microterritorialidade reforçaria a “visibilidade” de “tipo/ser” social, que implicaria assunção disso nos corpos como política coletiva das diferenças na urbanidade contemporânea);
- b) por outro lado, estar em microterritorialidade representaria o contato com as diferenças como “aparições” dos “outros”, que estabelecem contrapontos “à minha” pessoalidade e a produção de multiplicidades, e cujas estas relações retornam ao “meu” corpo fundando novas singularizações (a pessoa e seus devires, como em Guattari e Rolnik (2007)).

O problema tornado interessante, para mim, neste texto (como um contraponto em relação a outros pensamentos contidos em outros escritos meus), é essa realidade das produções de multiplicidades (DELEUZE; GUATTARI, 2012a) nas microterritorialidades, como um contraponto à ideia de que tais espaços apropriados são produtos e produtores de identidades, que condicionam todos e todas presentes as estruturas de sentidos sobre suas existências, interesses, comportamentos, estéticas e relações sociais.

AS RESTRIÇÕES DOS CONCEITOS DE CULTURA E IDENTIDADE E A RIQUEZA DA IDEIA DE SINGULARIDADE

Para Guattari e Rolnik (2007, p. 21) os conceitos de cultura e de identidade são falhos e são representações totalitárias porque “é uma maneira de separar atividades semióticas (atividades de orientação do mundo social e cósmico) em esferas, às quais os homens são remetidos”. Assim, “funcionam através de um modo de controle de subjetivação” (GUATTARI; ROLNIK 2007, p. 21). Concordamos com os autores sobre a necessidade de opor cultura e identidade na “ideia que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de ‘processos de subjetivação’” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p. 22). A “subjetivação” é produzida por “agenciamentos maquínicos dos corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; por outro lado, agenciamentos coletivos de enunciação, de atos e enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos” (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 31). Assim, processos de subjetivação abrem-se além dos processos de identidade.

As identidades são representações sociais construídas pelos/ para os corpos. São processos “incorpóreos”, como dispositivos de

ordenação da sociedade e como condições geradas em processos genealógicos (FOUCAULT, 2001; 1988). Tais processos estão vinculados às relações de poder, enunciados perante as relações sociais (face a face), com objetivo de estabelecer características e atributos reconhecíveis (socialmente) sobre os corpos (os corpos tornam-se seres coletivos, construído socialmente por processos incorpóreos). Os dispositivos discursivos de identidade são “normalizadores”, focados nos projetos modernos de ordenação social. Isso gera os significantes binários atribuídos aos corpos (normas e desvios, nos quais os últimos estão sujeitos às punições disciplinares jurídicas, policiais e médicas), mas, também, as recomposições de condições sociais subalternas, em seus atos individuais e coletivos de contestação, quanto às lutas de reconhecimento social. Os processos de subjetivação se estabelecem como multiplicidades de produção de subjetividades quando os corpos estão submetidos às objetividades da mundaneidade: o contato com outros corpos em situações de socialização; as tomadas de expressão frente às sensações de circunstâncias que mobilizam paixões, ódios, alegrias, dores e sentimentos diversos; os prazeres e desprazeres dados pelos sentidos das percepções das coisas do mundo; as relações incorpóreas (os discursos como representações estereotípicas que tornam previsíveis as realidades das coisas e seres do espaço social) dadas pelas relações corpóreas (os discursos são emitidos por corpos de enunciação e determinam corpos enunciados) perante as atividades sociais normalizadas e/ou desviantes. Assim, as produções de subjetividades são condições múltiplas das pessoas, tanto como tomadas de contestação sobre as regras do mundo social, quanto aos regramentos gerenciados por estas regras; ou seja, são direções

diversas que ligam contradições sensíveis do mundo e posicionam novamente os sujeitos em outros fluxos de consciência.

Assim, a produção de subjetividades são produtos de “agenciamentos”. Para Giddens (2003), a “agência humana” é a capacidade da individualidade se opor a ordens estruturais incorpóreas da cultura e da identidade. É a capacidade de o corpo escapar e reconstruir a ação dos dispositivos discursivos normalizadores do social. Como dispositivos de ordem disciplinar que organizam e dão formatação à estrutura da sociedade, temos:

- a) As ordens dos discursos (FOUCAULT, 1996), nos quais os signos socialmente construídos pelas relações de poder convergem aos corpos como atos de enunciação reconstituídos, justamente, das/nas relações sociais face a face. Conforme Saussure (apud HALL, 2016) é a linguagem na relação entre significante (forma, imagem e palavra) e significado (conceito construído socialmente e tomado como verdade nas relações sociais diretas) que delimita as representações dos corpos: são os significados sobre os comportamentos, sobre as formas de se apresentar e sobre os elementos biológicos devidos de representações sociais, em diferentes níveis de aceitação e/ou discriminação. São as representações (MOSCOVICI, 2003) que funcionam como imagens características dos estereótipos, que tornam identificáveis as “aparências” das pessoas, como convenções construídas no tempo e frutos das relações de poder. De acordo com Foucault (1993), são os poderes com “p” minúsculo, porque são, como enunciados de significação, constituídos nas relações sociais mais comuns e não possuem uma origem específica: todos são tornados agentes do poder, assim como são submetidos pelos outros à ele.

b) Os dispositivos definidores de comportamentos humanos, dados pelas conformações disciplinares que organizam as materialidades e atividades compostas nelas. Neste aspecto temos as “espacialidades” pensadas por Foucault (2001) em o “nascimento da clínica”, ou seja, a espacialidade do discurso sobre a doença que se liga a espacialidade do corpo doente e, como continuidade do processo, daqueles sujeitos que tratam o doente (os profissionais da ciência e do trabalho técnico) e onde estes corpos deverão ser disciplinados e curados, ou seja, o hospital (e todo a espacialidade técnica que ele compõe). A técnica, assim, é “elemento corpóreo do cotidiano” (SANTOS, 2008, p. 263) e serve, primeiramente, para fazer funcionar e disciplinar os corpos na cotidianidade.

Giddens (2003) defende que não há sucesso obvio da disciplina sobre o corpo, ou seja, há uma corporeidade em disputa: a resistência é, justamente, dada na esfera e escala do próprio corpo. A cultura e a identidade, aqui vistas como sintomas disciplinares, como uma ordem semiótica que separa corpos para melhor controlá-los, são postas “para si” (SARTRE, 1997). Isso causa a geração de novos e múltiplos processos de produção de subjetividades, que tanto escapam como convergem, em diferentes conexões paradoxais, às condições de cultura e identidade. Assim, para Deleuze e Guattari (2011b, p. 31) somos produzidos por diferentes “agenciamentos”, como “ações e paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros” e “de atos e de enunciação”, como “transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos”. Por isso não somos um corpo identificável ou que pertence a uma cultura, mas “singularidades” (GUATTARI; ROLNIK, 2007), porque reagimos a diferentes objetividades: aos corpos com que estabelecemos diferentes formas de comunicação; as relações

incorpóreas dos discursos contidos nas identidades e signos culturais; às sensações diversas sentidas empiricamente (“à flor da pele”); e as técnicas que pretendem nos compor, identificar e disciplinar. Somos “devires” como “linhas-de-fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b; 2012a) das disciplinas, ou seja, nos “desterritorializamos” quanto às normalidades que pretendem submeter nossos corpos e nos “reterritorializamos” (em nós mesmos) transformando as próprias condições disciplinares em outras formas de conexões paradoxais entre nossos corpos e as circunstâncias.

Assim, os agenciamentos produzem “devires-expressivos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b) como uma espécie de “sair de si” (social ou cultural, quando estamos perante relações diretas que nos identificam “como”) como um esforço de sair do campo da igualdade (se diferenciar), ou de alargar os imperativos da identidade (do “eu”) e dos dispositivos da cultura. Isso se dá pelas novas tomadas de sentido que reorganizam fugas como sintomas de expressões e de interpretações sobre “mim” e “dos outros”, relativos a situações e/ou coisas “não-humanas” e/ou identidades subalternas, expelidas como escórias da própria normalidade cultural e identitária ou, para “mim”, colocando os sistemas de igualdade/normalidade sobre o que acontece como a própria escória. Todo devir é minoritário (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 194) e é um “bloco de coexistência”, ou seja, alarga uma subjetividade para além dos delimitadores da cultura e da identidade em quatro sintomas: 1) para aquilo que é aprisionado por estas condições como “minoritárias”, “criminosas”, “não-humanas”, “não sadias”, e “não valorizadas” (no sentido da identidade social); 2) mas também para além daquilo que me define como definido pelos outros “em pé” de igualdade sobre o que se pretende coletivamente ser compartilhado em uma microterritorialidade (ou um espaço de convivência de um local de cultura que se conhece como específico); 3)

e, também, para além do que o outro talvez espere de mim na relação direta como ele; 4) e, além disso, por um sintoma de necessidade de me afastar de toda esta complexidade que afunila em identificações válidas e me colocar como diferente na minha autenticidade, como um processo de rebeldia a tudo que se pretende definidor de “mim” dado por eu mesmo no contato com o(s) outro(s). É uma coexistência com sensações e sentidos de desvio, anormalidade, morte, animalidade e transgressão. Definimos isso como uma micropolítica de resistências moleculares (GUATTARI; ROLNIK, 2007) aos imperativos estruturais de normalização e disciplinarização (dos corpos pelas identidades). É o corpo em disputa que assume aspectos contrários das condições de normalidade, gerando expressões mistas às sínteses de substâncias binárias da identidade.

Assim, preferimos falar de singularidades produzidas por agenciamentos diversos que reorganizam multiplicidades de devires-expressivos minoritários que, politicamente (uma micropolítica da subjetividade, ou formas moleculares), alargam/rompem/deturpam os imperativos da identidade e da cultura. Dessa forma, não entendemos a construção de microterritorialidades como uma estrutura espacial conduzida pelo compartilhamento de identidade e um conjunto de processos culturais (como imperativos míticos e ritualísticos que conduzem mecanicamente os corpos). Entendemos como um encontro de diferenças que acionam devires-expressivos minoritários, contrários aos próprios processos incorpóreos que, simbolicamente, os condicionam e disciplinam a uma ideia de cultura e identidade compartilhada localmente. São políticas de contrapontos expressivos das corporeidades em relação. Mesmo assim, ainda se relacionam às circunstâncias que contêm elementos de estruturação das qualificações identitárias sobre os corpos (discursos/representações sociais sobre a qualidade dos corpos). Esse fator poderá ser elemento de visibilidade

de identidades que procuram reconhecimentos sociais (cujo ápice, como exemplo, são as manifestações de visibilidade de uma Parada Gay, por exemplo). Por outro lado, as reconstituições de singularidades em devires-expressivos são tão diversas e tão mutantes que múltiplas aparições, comportamentos e formas de relações, se tecem a cada instante em um tempo de existência (em microterritorialidade) relativamente curto.

O PROBLEMA QUE GEROU A DISCUSSÃO: QUEM SOU EU NAS CIRCUNSTÂNCIAS DE MICROTERRITORIALIDADES DO PARQUE GAROTA DE IPANEMA?

Defendo a ideia de que os estudos das condições de microterritorialidades advêm de perspectivas fenomenológicas, como “apresentações” das sensações e percepções produzidas nas experiências (das pessoas). A fenomenologia implica esse “descrever” sobre as “aparições” que foram “focalizadas” nas relações dos corpos com as experiências mundanas. Essas descrições são conhecidas como “reduções”, porque se importam com as sensações e percepções antes de quaisquer identificações e/ou conceitos e/ou representações **a priori** das relações entre os corpos e os sentidos dados nas/das circunstâncias. Para Fink (apud MERLEAU-PONTY, 2011, p. 10), é “uma admiração diante do mundo”, no qual a “a significação do percebido é apenas uma constelação de imagens que começam a aparecer sem razão” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 38). Os sentidos são dados nas relações com as “aparições” nos experimentos de diferentes circunstâncias e isso implica dizer que as “aparições” são diversas para “o meu corpo” e “meu corpo” é um ente diferente a cada relação com “diferentes” aparições.

Existem, assim, as multiplicidades de momentos de construções das minhas singularidades, porque as “aparições” que “me aparecem”, em determinadas “circunstâncias”, produzem percepções e processos de reconhecimentos íntimos da relação entre “mim” e as coisas/ seres do mundo. Por outro lado, não estamos somente percebendo as “exterioridades” “a mim”, mas estamos construindo imagens delas nas quais “meu corpo” está inserido. As imagens, então, são construções de consciência, no sentido mais pleno dessa ideia, um “saber de si”. Isso porque um saber sobre as coisas e seres é sempre precário. Sei mais dos impactos que as exterioridades exercem “em mim” do que sobre tais exterioridades. Por outro lado, a próprias exterioridades são um reflexo de “minha” consciência (como “saber de si”). Dessa forma, a perspectiva fenomenológica implica produção de subjetividades. Merleau-Ponty (2011) critica a psicanálise e a divisão ontológica entre “ego” (“eu”) e “alter-ego” (“exterioridade”) e defende a ideia de “ego-mediate”, no qual existimos porque estabelecemos uma imbricada relação entre nossa subjetividade e as coisas externas a nós, ou as “aparições” em “circunstâncias”. As singularidades são estes contextos de produção do “ego-mediate” no qual, ao tomar percepção das “aparições”, tomamos “percepção” de “nós mesmos”, ou produzimos consciências. Assim,

Eu me limitaria agora a estar onde estou como uma coisa, e, se sei onde estou e me vejo no meio das coisas, é porque sou uma consciência, um ser singular que não reside em parte alguma e pode tornar-se presente a todas as partes em intenção. [...] Por outro lado eu-outro-mundo é tomado como objeto de análise e trata-se agora de despertar os pensamentos que são constitutivos do outro, de mi mesmo enquanto sujeito individual e do mundo enquanto polo de minha percepção. Essa nova “redução” não conheceria portanto mais do que um único sujeito verdadeiro, o Ego mediante (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 67; 94).

Pois bem, tendo como base esta perspectiva metodológica, os estudos das microterritorialidades implicam estudos sobre “nós mesmos” em/nas microterritorialidades: as descrições sobre nossas consciências (“saberes de si”) em circunstâncias ou em contato com as diferentes “aparições” que produzem as circunstâncias. Não estamos em microterritorialidades, constituímos as microterritorialidades, como relações entre nossos corpos e as “circunstâncias” das “aparições”. As descrições são descrições das percepções construtoras dos “egos-mediantes” e isso implica discutir sobre nós mesmos, não uma narrativa de coisas que estão separadas a nós: “eu, aqui, soberbo e detentor do poder da ciência, e os outros lá, a “mundaneidade” submetida ao meu olhar”. Para isso, temos que assumir posturas de verdade e honestidade sobre os impactos causados pelas experiências em nossas intimidades, ou seja, temos que nos “mostrar” nas construções das narrativas nas descrições das circunstâncias de/nas/ em microterritorialidades. As narrativas deverão ser evocativas, como “reflexiva, pensante, que ressoa no leitor pela força sensível e pela plausibilidade das experiências compartilhadas” (MARANDOLA JR., 2016, p. 143). Essas “plausibilidades das experiências compartilhadas” implicam estabelecer diálogos com os leitores, como honestidades de um diálogo “consigo mesmo” do pesquisador, no sentido de extrair os detalhes de suas consciências (novamente, “saberes de si”) produzidas nas experiências. Para isso, temos que nos despir da posição de pesquisador e trazer-nos como pessoas comuns que expõem suas intimidades, seus sentimentos e suas sensações produzidas nas experiências. Portanto, as narrativas (“descrições”) são consciências produzidas em microterritorialidades, ou seja, de nós mesmos em microterritorialidade, como nossos “egos-mediantes” e não as dos outros. Os outros são os pensamentos ainda mais precários e afastados das verdades sobre os fatos. As verdades

são as sensações que produzem os saberes sobre nós mesmos (as consciências de si).

Só que o saber sobre nós mesmos também é precário: imagine se quisermos saber sobre os outros – mais afastados da realidade da experiência estaremos. Para falar disso, irei explorar situações vividas na pesquisa fenomenológica produzida no Parque Garota de Ipanema, nas proximidades da Pedra do Arpoador, entre as praias de Copacabana e de Ipanema, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, no final do ano de 2017 e início do ano de 2018, vinculadas aos preparativos e ao efetivo estado de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ. O Parque Garota de Ipanema foi descoberto por mim, efetivamente, como espaço nos quais homens orientados sexualmente para outros homens convergem para exercer práticas sexuais em um período de 10 dias em que estive na cidade em 2017, quando estava organizando os preparativos para o estágio pós-doutoral em 2018. Já sabia, anteriormente, sobre estas práticas exercidas no espaço, porém nunca tinha me aventurado por entre seus “cantos” e “recantos”. O experimentei pela primeira vez neste período de 2017, o que originou as perguntas principais que organizaram meu plano de pesquisa de pós-doutoramento para 2018.

Assim sendo, o que motiva a discussão deste artigo são as relações de singularidades que se estabelecem em microterritorialidades, principalmente pelas dificuldades das relações constituírem fatores de identidades sólidas e duradouras. Estou dizendo isso porque minhas experiências criaram sintomas múltiplos e difusos/confusos de subjetivação e de “saberes de si” nas relações com os outros e com as circunstâncias de pesquisa, principalmente nas incursões de observação no Parque Garota de Ipanema. Irei começar as discussões copiando textos de narrativas sobre duas experiências que mantive no local. Como salientei na introdução, as narrativas podem também

estar reproduzidas nas publicações Costa (2020a; 2020b). Estas são as narrativas:

- 1) Narrativa de devir-transgressivo/assaltante sob o olhar disciplinar: Assim que me dirijo ao caminho calçado que leva até ao topo do aclave, percebo que estavam dois policiais à espreita perto da entrada do morro. Tomei coragem e continuei meu trajeto pelo caminho principal. Ao andar um pouco no acentuado aclave, olho discretamente para trás para tomar nota se os policiais estavam me observando. A cena principal é de um “eu” (avaliação sobre a ação em desenvolvimento – a evidência desta descrição) que observa o “mim” (pessoa em ação ou o devir significado por esta escrita), no qual me represento com o corpo em passos rápidos na direção do topo do morro e a cabeça a olhar para trás, a fim de observar, discretamente, se os policiais estavam a me olhar. Os policiais estavam a olhar... Assim, abaixo a cabeça e, em um devir teimoso transgressivo, em meio a tal agenciamento repressivo de observação dos policiais, encontro coragem para prosseguir – a tensão era forte sobre momentos futuros próximos incertos.
- 2) Narrativa devir-vítima (1): Além da tensão disciplinar do policial e meu devir transgressivo homossexual em busca de experiências homoeróticas em espaço público, subia a minha frente um rapaz sem camisa, portando uma sacola de supermercado, sendo percebido por mim o seu sentido de existência como uma pessoa em situação de rua. Imediatamente me reporte à possibilidade de momentos futuros incertos e perigosos: em virtude da evidência da diferença da minha corporeidade, eu poderia ser alvo de atos de

violência precedidos de assalto – estava com calção floreado, camiseta clara e tênis de marca famosa, ou seja, a figura de um turista na praia da zona sul carioca. Parei um pouco para deixar o rapaz tomar mais distância à minha frente (ele não tinha me visto) e comecei a andar mais devagar: estava preso entre um devir transgressivo, que poderia ser disciplinado como errado pelo policial (a figura de uma pessoa em ato criminoso em espaço público – rompendo a “moral e bons costumes” deste espaço, podendo, assim ser repreendido), e um devir diferente das supostas pessoas que ali estavam, ou um devir estético de um turista que poderia ser alvo de um assalto – na verdade eram condições de representações estereotipadas trazidas pelo social que pressionavam meu pensamento na ação em desenvolvimento (rostidades).

Observo, então, relações paradoxais quanto às relações do meu corpo com circunstâncias diferenciadas. No entanto, foi um conjunto de percepções produzidas nas experiências, no qual meu corpo significou a ele mesmo, que se inserem nas disputas estabelecidas entre “contrapontos territoriais” (as percepções e sensações estabelecidas entre meu corpo e o corpo dos diferentes sujeitos em dadas circunstâncias) e os “motivos territoriais” (ou aquilo que me moveu como desejo de encontro com sensações para determinadas relações em determinados contextos) (DELEUZE; GUATTARI, 2012b). Destas relações em disputas, “devires” se produziram e tomadas de sentidos sobre o meu corpo, na relação aqueles “olhares”, foram desenvolvidas: “as rostidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a), nas quais nos desdobraremos adiante neste texto.

Pois bem, a problemática de discussão se tornou ainda mais intensa quando decido colocar uma mensagem na rede social

facebook, narrando sobre os receios que estava tendo nas pesquisas “em determinado lugar” (que seria o Parque Garota de Ipanema – não tornei explícito o local) das praias da zona sul carioca. A mensagem foi a seguinte: “Um dos problemas que enfrento, ao me aventurar na pesquisa, em um lugar específico aqui nas praias cariocas, é, por um lado, ter receio de ser assaltado (muitas vezes a “barra fica pesada”) e, por outro lado, ser confundido como assaltante (ou despudorado, pelas práticas sexuais estabelecidas na localidade) pelos policiais que surgem em incursões inusitadas. Quem serei eu neste Rio de paradoxos?” Tal manifestação foi uma sincera exposição de preocupações que estava tendo no campo de pesquisa, nas quais meu corpo estava sendo afetado. Felizmente não passei por nenhuma das possíveis circunstâncias de agressão, mas meus sentidos “pulavam” ora para uma sensação, ora para outra.

É claro que estas sensações foram aguçadas por outras diversas situações vividas anteriores em outros lugares, nos quais uma série de informações produziram certos estereótipos e/ou representações sobre estar na cidade do Rio de Janeiro: a primeira é a intensidade da exploração que a mídia brasileira fazia sobre violência na cidade; a segunda é, também, ser atingido por uma carga intensa de informações sobre o momento de intervenção militar que o Rio de Janeiro estava sendo submetido. Tais sentidos produzidos como representações das possíveis problemáticas de um “estrangeiro” na cidade do Rio de Janeiro, voltavam à minha consciência e condicionavam meu corpo a determinados sentidos quando relacionados a certas circunstâncias (estereotipadas pelas representações sociais da mídia). Isso se deu como imagens que exerceriam um papel de “rostidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a), ou seja, como “rostos”, produzidos socialmente, que foram “encarnados” como possíveis significantes nas/das situações experienciadas e condicionaram “meu” corpo as formas de

consciências (“de si”). As “rostidades”, assim, são “muros” que nos agenciam e produzem “devires” (produção de subjetividades), mas, por outro lado, não tomam conta de toda relação entre circunstância e corpo: formam relações paradoxais com outras, criando “rizomas” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a), ou ligações de sentidos contraditórios, que se abrem a outros sentidos em processo infinito.

Os casos descritos (de diferentes devires) foram consequências de relações de receios, como consciências de meu corpo em situações de rostidades diferenciadas, que, por um lado, se ligaram a outros impulsos desejantes e, por outro lado, estavam determinados aos desejos de dar continuidade à pesquisa. De fato, estava motivado em explorar as experiências homoeróticas do contexto. Os receios sobre os policiais e sobre as pessoas em situação de rua também se atrelavam a desejos de relações com aqueles corpos, ao mesmo tempo em que um pensamento sobre um futuro próximo de condições sociais desastrosas me separavam deles. Estes são exemplos de organizações rizomáticas, como linhas de sentimentos e sensações paradoxais que se cruzam e reorganizam constantemente os devires em circunstâncias diferenciadas.

Pois bem, a necessidade de discussão sobre a situação continuou a se intensificar quando um comentário de minha supervisora de pós-doutoramento foi tecido em relação a minha expressão criada publicamente em uma rede social: “Estou te achando um ser descontextualizado... acho bom aventurar-se de corpo e alma na “participação observante”!”. Em defesa, de acordo com as discussões estabelecidas aqui, digo: o “contexto” é o próprio produtor destas sensações paradoxais. Defendo, então, que as microterritorialidades podem conter diferentes relações de corporeidades em circunstâncias e, também, elas são capazes de

produzirem singularidades divergentes de uma suposta estrutura de identidade e de cultura que organiza os sentidos pessoais ao se estar nelas. Ao contrário, os sentidos organizam devires para contradições, como micropolíticas de se fazer diferente e contestar aos contrapontos territoriais (estes não são exatamente a estrutura de uma igualdade onde cabem todos, mas os contrapontos de “aparições” diversas entre “meu” corpo e o corpo do “outro” em microterritorialidade). Assim, meus devires foram desenvolvidos justamente como sentidos de aproveitamento e deleite em relação aos contrapontos territoriais que aqueles outros corpos (dos policiais e da pessoa em situação de rua) fundavam no meu. Assim, a “imersão no contexto” é a capacidade de se “singularizar”, porque não há uma estrutura que condiciona a todos em relações de igualdade e, sim, em fluxos de múltiplas diferenciações.

Ter consciência (“saber de si”) nestas circunstâncias de “aparições” em disputa e se esforçar em narrar à experiência da produção de devires-expressivos, significa “aventurar-se de corpo e alma”. O projeto clássico da pesquisa antropológica é adentrar as rotinas e como as corporeidades estão submetidas aos mitos e rituais que compõem uma cultura. Isso significa experimentar tão intensamente a cultura, como esquema estruturante das relações entre os corpos, que o corpo acaba se produzindo nela: “você” entende por completo os sentidos dos fluxos de corporeidades cotidianas em uma cultura, as relações e apresentações que se processam no dia a dia. Ao mesmo tempo em que “você” mergulha e começa a se produzir por entre a cultura você também é aceito como membro por aqueles que te incitavam em estudá-la. “Você”, então, agregou na tua interioridade a pretensa exterioridade da cultura. No entanto, o projeto fenomenológico aqui é desmanchar a ideia estruturante da cultura e imergir nas próprias multiplicidades e disputas de “minhas” corporeidades com as dos

“outros”. Por outro lado, o desafio é “trazer à tona” os sentidos produzidos na própria corporeidade em circunstância. Não é um projeto cultural, mas um projeto de entendimento de produções de subjetividades em que qualquer estrutura “vem abaixo”. Como já argumentei antes, não acredito - pelo menos na relação espaço e tempo deste texto e do contexto de pesquisa (isso não é condição totalizante da história de minha vida acadêmica) - nas relações estruturadas da identidade e da cultura, porque são cerceamentos de campos semióticos para fins de domínio, assim, são forçosamente invenções ideais de “campos semióticos estruturados e estruturantes” que retornam aos corpos como delimitadores de multiplicidades de produções singulares deles. Os elementos semióticos estão em disputas entre as corporeidades e não as estruturam. É por isso que a pesquisa é um retorno à corporeidade em circunstâncias e seus devires micropolíticos de expansões às multiplicidades, nunca a restrição estrutural totalitária da cultura e da identidade. Por outro lado, temos que tentar discutir também uma ideia sobre as reações das outras corporeidades sobre meu corpo (“corpos sobre corpos”) e quais os sentidos de representações que também fundaram aspectos dos meus devires e consciências de mim em situação: o que aponta para processos de identificação, mesmo que contraditórios, mas de exercício “do” social.

ROSTIDADES

Alguns dos elementos que operam nas construções de singularidades em condições de agenciamentos (circunstância que articulam devires-expressivos) são as reproduções de “rostos” trazidos de representações sociais compartilhadas coletivamente e, como atos inesperados de consciências, ou como fluxos de sentidos,

se conectam a outros em circunstâncias. Salientamos que não são estes “rostos” que se sobrepõem às multiplicidades, como produtos identificáveis e imperativos, preponderantes das consciências, e delimitadores semióticos das relações entre corporeidades (que levarão a uma estruturação cultural que identifica as relações estabelecidas). São somente elementos que vêm participar nas instabilidades das produções de devires-expressivos e situações de constituições de subjetividades: são agenciamentos importantes, mas que não determinam os devires-expressivos e estão contidos como algumas das linhas das múltiplas conexões estabelecidas nos devires. Assim, entendo rostidades em quatro elementos de/para um processo de singularização:

- 1) Primeiro: as rostidades são imagens como produtos incorpóreos, ou seja, não foram produzidos por nossas corporeidades e sim por composições discursivas mobilizadas por outras situações enunciadas nas relações sociais, geralmente situações de falas hegemônicas e detentoras da capacidade de construir e disseminar representações sociais;
- 2) Segundo: as rostidades atingem as corporeidades em situações sociais, geralmente em contextos produzidos pelos maquinários e pelas técnicas que condicionam as relações sociais – situações de composições de significantes e significados partilhados como verdades sociais. Estes contextos são circunstâncias em que a materialidade e os sistemas discursivos tentam compor os corpos, os fazendo acreditar em determinadas representações: estar sentado na sala de estar, assistindo televisão, é um sintoma de produção de corporeidade, como criação de sentidos às coisas,

seres e situações da mundaneidade. A sala, a televisão e o comportamento de estar sentado naquele contexto a olhar televisão são importantes para assimilar as formas normativas que produzem a suposta estrutura social – através de condições hegemônicas;

- 3) Terceiro: Mas nada é capaz de dizer que realmente seremos produzidos subjetivamente pelas exterioridades que compõem os discursos trazidos à tela da televisão no contexto material e (não) relacional de estar sentado na sala. Este momento, novamente, compõe agenciamentos que organizam nossas consciências como fluxos de conexões inexatas e paradoxais – não somos tomados totalmente pelos aprendizados que situações discursivas e materiais disciplinares nos impõem: agregamos algumas coisas, limpamos outras e transformamos muito mais. As que nós agregamos voltam como rostidades que se sobrepõem novamente a determinados corpos e situações distantes (no futuro) dos aprendizados disciplinares das representações sociais que entramos em contato.
- 4) Quarto: em um quarto nível do processo, temos a relação de nosso corpo com outra circunstância, em que uma linha de fluxo de sentido liga elementos presentes aos passados, em que absorvemos as representações sociais criadas na situação pretérita, de nosso corpo em um contexto regido pelo maquinário de aprendizados sociais (contextos disciplinares). Isso volta como uma imagem pretérita que se sobrepõe a outra imagem presente (“aparicação” ou coisa “em si”) e compõem os elementos da coisa “para si” (os

sentidos dados por nós da “aparicação”). Nos curtos momentos desta experiência, “rostos” sobrepõem-se à “aparicação”, mas também são moldados: como uma máscara que deverá ser ajeitada à face presente, mas cujo processo de ajeitar produz algo que não é mais a máscara nem a face (“aparicação”), mas nosso trabalho de ajeitá-la à face. Como utilizamos estratégias de recompor aquele rosto em junção com as máscaras? Colocamos uma... Retiramos... Colocamos outra... Até que o resultado seja significativamente interessante para nós. Assim, as rostidades se recompõem em circunstância: a circunstância de nosso corpo; as emergências de alguns elementos coletados das representações sociais sobre aquela aparicação; como utilizamos de outras representações ideais para melhor entender a aparicação em circunstância; e como corpo e aparicação se “ajeitam” mutuamente. Das rostidades primeiras (no plural, porque mais do que uma se sobrepõe por nosso trabalho corporal em circunstância), uma nova rostidade se constrói: é “ajeitada” novamente ou são trocados os elementos que a compõe. O resultado inicial poderá ser, assim, trabalhado para ser produzido outro e, talvez, ficar algum contraste que nos mobilize a devires.

Assim, foram estes processos que acarretaram as disparidades dos saberes de mim (consciência) nas relações estabelecidas com as corporeidades dos policiais e das pessoas em situação de rua. Produções de rostidades entre meu corpo e os corpos (“aparicações”) em circunstâncias inusitadas. Aqueles corpos foram produtos de minhas relações corporais com eles, assim são próprios da minha corporeidade (consciência ou “saber de si”). Trouxe elementos

representativos coletados do social, “rasguei-os” e os utilizei-os sobrepondo àquelas “aparições em si”. Não sei como minha corporeidade foi realmente percebida por eles, mas senti o fluxo da presença deles na minha corporeidade e encaixei alguns elementos representativos produzidos socialmente. Remodelei-os e construí os sentidos da minha própria corporeidade em situação (circunstância): criei rostidades (não algumas coisas fora de mim como próprias representações sociais, mas percepções que se refizeram representações na minha consciência).

Outra circunstância veio a contribuir a esta construção de um “sistema de circunstâncias” vividas que criaram elementos de microterritorialidade que caracterizam o Parque Garota de Ipanema para mim. Notemos que este conjunto de fatos criaram minhas representações sobre o Parque Garota de Ipanema, que são trazidas aqui como resultados de pesquisa. Mas é importante frisar que foram feitas por meus olhos (sentidos); por minha corporeidade (consciência – de mim, não dos outros e das relações existentes como estrutura de verdade); e por minhas produções de rostidades (para o leitor ficarão minhas representações narrativas como “rostos” do Parque, mas que, caso queiram experienciá-lo, trarão elementos deste rosto criado aqui e farão suas próprias modelagens – recriarão as circunstâncias de seu corpo em microterritorialidade). Neste sentido, são narrativas restritas de agenciamentos vividos e formas de devires-expressivos que mantive (estes devires se alongam aqui e se transformam, novamente, no ato de escrever). Bom, voltando a discussão, a outra circunstância que veio contribuir ao conjunto de consciência do sistema microterritorial do Parque Garota de Ipanema, é ter presenciado uma abordagem policial a um turista que se aventurava no morro vegetado. Coloco aqui a narrativa sobre o experimento em situação (como já salientei, as narrativas podem estar reproduzidas também em Costa (2020a; 2020b)):

- 1) Narrativa devir-vítima (2): Estava vindo da Pedra do Arpoador em um final de tarde. Já estava quase escuro. Aquele dia foi chuvoso. O Sol apareceu discreto somente por volta das 16h30m. Mas o céu ainda persistia nublado. Não houve pôr-do-sol. Cansado de uma dia de trabalho (li e escrevi muito naquele dia), decido passear pela orla de Copacabana e me desloco até o Arpoador. Notei um maior número de policiais naquele dia. Perguntei-me se eles representavam um dia chuvoso e um curto período de estiagem, em final de tarde, como uma situação propensa a violência naquela localidade. Será? Não sei, mas a realidade é que aqueles policiais vigiavam as pessoas de forma mais incisiva e andavam em grupo. Senti-me vigiado. Depois de um tempo aproveitando a brisa agradável na região do Arpoador e descansando, decido ir embora. Pego o caminho que adentra o Parque e, logo na entrada, que está em frente à praia, estavam dois homens de meia idade, bem vestidos, loiros, falando com um grupo de policiais. Acabei parando, sem receio, demonstrando curiosidade pela situação. Um dos policiais que estava conversando com um dos homens olha e me nota. Não me intimidei e continuei observar. Pensei que minha corporeidade poderia fazer aquilo, ao contrário de uma pessoa negra e pobre, por exemplo. Possivelmente o policial iria me abordar perguntando o que me interessava ali. Será mesmo? Mas foi assim que pensei a possibilidade de minha ação e expressão. Minha corporeidade permitia aquilo, estando eu protegido por ela de um possível ato de agressão do policial. Foi o que pensei. Talvez em outra circunstância e com outro policial o resultado tornar-se-

ia (dever) diferente. Foi isso que aconteceu, mas o policial expressou uma reação. Continuou a conversar com o homem, mas com um tom de voz mais elevado e ainda mais expressivo, como se estivesse repreendendo aquela pessoa e, ao me olhar, repreendia a mim também. Pensei se ele também estava conversando comigo, de forma indireta, ao falar em voz alta com aquele homem. Não sei, mas estava efetivamente participando da situação, mesmo estando calado em relativa distância. Prestei atenção na conversa e o policial dizia em forma veemente: “Nós estamos aqui para protegê-lo de uma possível violência contra você mesmo!”; “Lá em cima, naquele morro, por aquele mato, estão muitos bandidos que, ao vê-lo, irão querer roubá-lo e, você sabe que o limite entre um roubo e uma consequência mais desastrosa é pequeno...”; “É melhor você não mais se aventurar naquele lugar”; “Estamos avisando para seu próprio bem”. Notei que aquele corpo e que, uma relação de aparência próxima a minha corporeidade, não era identificado como um criminoso ou “despudorado” adentrando ao parque, mas uma possível vítima. Os elementos daquela corporeidade identificaram a pessoa como uma possível vítima ao estar em um contexto de possíveis assaltos. Talvez fosse diferente para outra corporeidade. Perguntei-me se minha corporeidade, ao contrário que pensei anteriormente, em outra situação, também poderia ser identificada como possível vítima e ser repreendida da ação de estar perto da mata (ser disciplinado aos bons comportamento e cuidados sobre meu corpo). Não sei, mas outra situação (relativo à observação da

relação entre outras pessoas) veio construir outro tipo de representação sobre o meu próprio corpo, entre possíveis outras em situações diferenciadas. Outro policial se faria das mesmas representações ao corpo daquele homem e ao meu? Talvez não...

Foi assim que minhas subjetividades se transformaram em três situações vividas no Parque Garota de Ipanema e reconstituíram devires-expressivos diferenciados. Meus fluxos de consciência se perguntam sobre quem seria “eu” para diferentes outras pessoas em circunstância diferenciadas no mesmo lugar. Não podemos saber aqui, pois estamos abertos a campos de experiências e de possibilidades diferenciadas no mesmo local (a circunstância é que produzirá a relação de corporeidade diferenciada, e outra, e outra, tantas quanto forem às experiências em microterritorialidade). Dessa forma, constituímos diferentes microterritorialidades além da suposta identidade: como a de mim sendo um corpo de um homem gay em um espaço aonde homens gays vão para manter relações sexuais.

As recomposições de circunstâncias diferenciadas transformam os valores de microterritorialidades porque incitam diferentes devires-expressivos nossos (em relação com diferentes “aparições” em momentos múltiplos de microterritorialidade). Passei de infrator, à possível corpo interessante para ser assaltado, à possível vítima que deveria ser protegida por um policial. O interessante que foram três experiências diferenciadas que produziram estas representações sobre/do meu corpo. São percepções feitas por mim sobre eu mesmo em circunstâncias diferentes de experiência microterritorial. Assim, serão as construções de outras representações diferentes, em outras experiências, em outras circunstâncias no mesmo local que se

microterritorializa por meu corpo. Vemos que as microterritorialidades são campos de possibilidades que poderão ser descritas somente nas circunstâncias de experimentação. Também serão relações de nossas consciências, portanto, saberes de nós mesmos, mas não como uma identidade que se repete. São processos múltiplos de produção de singularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto foi uma resposta a diferentes circunstâncias de sentido da minha corporeidade na relação de pesquisa e envolvimento pessoal com a microterritorialidade do Parque Garota de Ipanema, entre os bairros de Copacabana e Ipanema, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Conseguimos defender a ideia que, além de serem estudadas na perspectiva da estruturação de uma cultura e da visibilidade de uma identidade, as microterritorialidades são composições de subjetividades e, assim, produzem processos de singularização múltiplos. Para uma pessoa, ser e estar em microterritorialidade, ao contrário de uma equiparação ou sentimento de igualdade que as liga a processos culturais e identitário, representa, mais ainda, relações de contraposições dos corpos e deles em relação às “aparições” percebidas. Como fora observado no texto, os corpos se transformam em diferentes experiências vividas: assumem representações de si diferenciadas, mobilizam devires contraditórios e assumem fluxos de relações paradoxais. Nunca somos os mesmos em microterritorialidades, somos possibilidades de produção de singularidades. Demonstramos isso em diferentes circunstâncias de construções de minhas consciências no Parque Garota de Ipanema, em que quaisquer relações com identidade sólidas nas circunstâncias

estabelecidas, evaporavam. Mesmo assim, as multiplicidades de singularização também estão ligadas, mas como alguns aspectos somente, as representações trazidas do social, como rostidades. Por outro lado, as rostidades incorpóreas são reconstituídas pelos corpos em circunstâncias, assim operam por/como possibilidades de modelagem e não como condições unívocas. Esperamos que tenhamos contribuído ao melhor entendimento das relações entre corpos e microterritorialidades. Este estudo não se esgota aqui e, assim, precisamos de mais debates. ○

REFERÊNCIAS

- COSTA, Benhur Pinós da. As microterritorialidades além das identidades: contextos de emergências de singularidades e suas possibilidades de pesquisa e narrativas. In: REGO, Nelson; KOZEL, Salete; AZEVEDO, Ana Francisca. **Narrativas, geográfias & cartografias: para viver, é preciso espaço e tempo**. Volume 1. Porto Alegre: Editora Compasso Lugar-Cultura, 2020a. p. 585-624.
- COSTA, Benhur Pinós da. As geografias das constituições dos devires-expressivos das pessoas como diferenças: perspectivas da análise das pesquisas em microterritorialidades. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente: UNESP, v. 2, n. 42, p. 90-114, 2020b.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. v. 2. São Paulo: Editora 34, 2011b.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. v. 3. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. v. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.

Estética, cidade e partilha do sensível no contexto do desenvolvimento territorial
 Marcela Cristina Bettega, Manoel Flores Lesama e Ernesto Jacob Keim

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Vol. 1. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2007.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Trad. Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HONNETH, A. **Luta pelo reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

MARANDOLA JR, E. J. O imperativo estético vocativo na escrita fenomenológica. **Revista Abordagem Gestáltica** – Phenomenological Studies. Instituto de Treinamento e Pesquisa em Abordagem Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT): Goiânia, v. 2, n. XXII, p. 140-147, 2016.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo; razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997.

Submetido em janeiro de 2023.

Aceito em janeiro de 2023.